

MAMOAS E ARTE RUPESTRE NO CONCELHO DA PAMPILHOSA DA SERRA (CENTRO DE PORTUGAL)¹

Mounds and Rock Art in Municipality of Pampilhosa da Serra (Center of the Portugal)¹

Carlos Batata e Filomena Gaspar²



Palavras-chave: Pré-história, mamoaas, arte rupestre

Keywords: Prehistory, mounds, rock art

¹ Vista da mamoa VI de Vilares.

² Arqueólogo da OZECARUS, Serviços Arqueológicos, Lda e arqueóloga da Câmara Municipal de Abrantes.

Resumo

A realização da prospeção arqueológica para a edição da Carta Arqueológica do Concelho de Pampilhosa da Serra (editada em Abril de 2009), revelou a existência de 141 mamoadas, *tumuli* ou montículos, associados a cerca de 150 painéis com arte rupestre.

A maior parte desta arte pode inserir-se no período Neo-Calcolítico, embora também haja algumas manifestações de períodos mais recentes como a Idade do Bronze. Situados uns e outros, em zona muito montanhosa, é nas cabeceiras do Rio Unhais que a arte mais se manifesta, em estreita relação com as fontes de água e com algumas mamoadas.

Apesar destas importantes descobertas, tem-se a convicção que nem todas as mamoadas e painéis de arte rupestre foram encontrados, sendo possível que venham a ser descobertos mais alguns nos próximos anos.

Abstract

The realization of the field work for edition of the *Carta Arqueológica do Concelho de Pampilhosa da Serra* (edited in April 2009) has revealed 141 mamoadas, *tumuli* or little mamoadas, associated with about 151 panels of rock art.

The most part of this art could be inserted in the pre-historic age, but we have also some manifestations of more recent periods like Bronze Age. Implanted one and another in very mountainous places, it is in source of the Unhais River that we have the most part of the rock art, in straight relation with the water springs and some mounds.

In spite of this important archaeological find, we think that not all the mounds and rock art panels were discovered and it is possible, that in a close future, we could find out some more.

Introdução

Aquando da realização do primeiro levantamento arqueológico do concelho de Pampilhosa da Serra (BATATA & GASPAR, 1994), não foram encontrados quaisquer monumentos megalíticos, apesar de se registarem alguns microtopónimos como Ucheiros ou Vale das Antas. Na altura, as características destas pequenas mamoadas ainda eram pouco conhecidas no meio arqueológico, verificando-se, na bibliografia arqueológica disponível, que foram identificadas algumas estruturas deste tipo e efectuadas escavações em algumas delas, especialmente as que se encontravam perto de antas. Contudo, não atingiam ainda a importância e o destaque que têm hoje, pois os projectos de investigação da altura estavam mais direccionados para o estudo das antas. Estas, eram bem visíveis na paisagem quer ela fosse alentejana, beirã ou nortenha, enquanto estes montículos tinham pouca expressão volumétrica, passando frequentemente despercebidos ou entendidos como aglomerados de pedras provenientes da limpeza dos campos de cultivo.

Por outro lado, as características destas pequenas mamoadas (montes de pequenas pedras formando um montículo de pouca elevação) não provocaram nas populações locais disparos da imaginação, com a atribuição de lendas ou histórias. Para eles, estes montes de pedra eram quase naturais (Fig. 1). Conheciam-nos mas não lhes atribuíam nenhum carácter estranho, não eram obra dos mouros. Com efeito, nas inquirições que fizemos à população mais idosa de cada aldeia visitada, a referência a coisas dos mouros era constante e diziam respeito a “fornos dos mouros” (na maior parte pequenas cavidades naturais existentes nos afloramentos quartzíticos), “buracas dos mouros” (cavidades naturais, provocadas pelo deslizamentos de grandes massas rochosas) ou “minas dos mouros” (essas sim, cavidades artificiais escavadas para recolha de metais).



Figura 1. Mamoadas VI de Vilares, Pampilhosa da Serra.

Em 1995, a vegetação serrana da Pampilhosa da Serra era exuberante, atingindo o mato arbustivo cerca de 2 m de altura. Composto por giesta, medronheiro, tojo, urze, carqueja, sargaço e esteva, formavam matas cerradas que não permitiam uma fácil observação do solo. Os grandes incêndios que lavraram na área, já depois da viragem do milénio, associados a anos muito quentes, limpavam as íngremes encostas das serras, deixando visível uma quantidade de vestígios que de outra maneira permaneceriam invisíveis por muitos anos. Apesar de serem uma calamidade para as populações e para a economia local e nacional, com a queima de grandes áreas de pinhal e eucalipto, representaram contudo, depois de varrerem as serras, uma nova oportunidade para o desenvolvimento turístico da região.

Em 1995, eram muito menos os aceiros e caminhos florestais capazes de serem trilhados por um veículo ligeiro que era o que possuíamos na altura. Percorríamos grandes extensões a pé, calcorreando o topo das serras quartzíticas, que se não tinham muita vegetação, por o substrato ser muito rochoso, também não tinham muitos monumentos, como hoje se pode comprovar, pois a construção de aceiros havia já destruído muitos deles. Não existiam ainda parques eólicos, só quantidades imensas de pinhal e algum de eucalipto, tornando as vistas mais curtas e entrecortadas. Hoje, a visão da paisagem é ampla, conseguindo-se, num só abarcar do olhar, ver o majestoso relevo serrano em muitos e muitos quilómetros em redor.

As primeiras notícias sobre arte rupestre obtivemo-las já após a conclusão do Levantamento Arqueológico do Concelho da Pampilhosa da Serra. Ainda durante a prospecção de campo, o avô materno de Filomena Gaspar havia-nos levado a ver a “pegada de Nossa Senhora” que, infelizmente, era uma cavidade natural, mais ou menos com o formato de um pé. Referiu-nos ainda gravuras em rochas, na Serra das Fontes (freguesia de Dornelas do Zêzere) que nunca chegámos a visitar na sua companhia. Um outro familiar, falou-nos nas gravuras do Vale do Gato (perto da povoação de Malhada do Rei) que ele havia observado quando por ali pastoreava o gado, nos seus tempos de mocidade. Essas, visitámo-las, fotografámo-las e fizemos o seu levantamento com plástico cristal em 1996, que ficou na gaveta até ser dado à estampa na Carta Arqueológica do Concelho de Pampilhosa da Serra, editada em 2009. Em 2000, num artigo sobre arte rupestre da zona do Pinhal Interior, fizemos uma primeira caracterização das gravuras do Vale do Gato (BATATA & GASPAS, 2000, p. 575-581).

1. Ambiente geomorfológico

Como já se referiu anteriormente, o concelho da Pampilhosa da Serra é um concelho com profundos relevos e muito montanhoso. Pode ser dividido em duas áreas geográficas que, embora da mesma formação geológica, apresentam algumas diferenças morfológicas. Assim, o Alto Concelho, que abrange principalmente as freguesias de Cabril, Vidual, Unhais-o-Velho e Fajão, apresenta afloramentos rochosos fundamentalmente quartzíticos, inseridos em serras mais ou menos longas, de formação da base do Silúrico - Ordovícico (THADEU, 1951, p. 11-70). Entre estes, destacam-se o comprido afloramento de Fajão a Sarnadas e pequenos afloramentos de Unhais-o-Velho até à região de Castelo Branco. Ambas as cadeias montanhosas, onde se inserem estes afloramentos, têm orientação noroeste-sudeste e encontram-se rodeadas por xistos do Grupo das Beiras. Por outro lado, estes afloramentos representam as cotas mais elevadas do concelho, cujos picos variam entre 619 m (Janeiro de

Baixo) e 1 330 m (Pico de Cebola, Covanca). A altitude média do Alto Concelho é de cerca de 982 m.

O denominado Baixo Concelho abrange o restante concelho e não apresenta relevos dignos de nota. Geologicamente falando, é constituído por xistos argilosos que, ao contrário do que acontece no Alto Concelho, apresentam serras e cumes arredondados, do Grupo das Beiras. A cadeia montanhosa mais evidente apresenta uma serra de orientação sudeste-nordeste, cujas cotas variam entre os 436 m (Padrão) e os 851 m (Urra-Pampilhosa da Serra). No total, a média altimétrica do Baixo Concelho é de cerca de 700 m.

Entre estes sistemas montanhosos existe uma vasta rede hidrográfica, que se escoia através dos rios Ceira, Unhais e Zêzere. Estes, por sua vez, correm entre vales apertados, em V, desenhando, no seu percurso, enormes meandros. A geomorfologia das áreas de xisto favorece, com a multiplicidade de declives acentuados, o trabalho da erosão. Constituiu-se assim, sobre as vertentes, uma cobertura de resíduos de rocha que se fragmentam e que são levados pela escorrência antes de chegarem a alterar-se completamente. Assim, em vez de um solo argiloso de alteração, que só se constitui em áreas planas, forma-se um terreno cascalhento muito pobre, imperfeitamente coberto por um solo esquelético. Por essa razão, os poucos solos existentes constituem solos ingratos para a lavoura e são pobres no seu rendimento, pois não possuem elementos fertilizantes, como a cal e o ferro (RIBEIRO, 1986, p. 992).

Em termos minerais, o concelho de Pampilhosa da Serra parece ter sido bastante rico em metais, como o ouro e o estanho. É essencialmente no Alto Concelho que se concentram os principais jazigos minerais de chumbo e zinco, estudados por DécioTHADEU (1951, p. 71-80). As ocorrências de chumbo verificam-se em Ceirôco, Meãs, Unhais-o-Velho, Dornelas do Zêzere, Adurão e Malhada do Rei. O ouro parece ter sido explorado um pouco por todo o concelho. Apesar de só se encontrar registada, na Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, no período entre 1836 e 1962 (MINISTÉRIO DA ECONOMIA, 1946, p. 16-17), uma mina de ouro, estanho e titânio, em Janeiro de Cima, várias outras foram exploradas em concelhos vizinhos. Prospecções efectuadas pela mesma Direcção Geral, apontam para a existência de aluviões auríferos e estaníferos, no rio Ceira. Outras notícias, nomeadamente do século dezanove (AZEVEDO, 1901, p. 320; LEAL, 1875, p. 611), referem a exploração de ouro aluvionar no rio Zêzere. Por outro lado, as populações que contactámos sempre fizeram eco da existência de mineração do ouro em épocas recuadas. Corroboram estas asserções a existência de microtopónimos relacionados com a laboração deste metal e as evidências físicas no terreno, que comprovam a sua laboração. O ferro também parece ter sido explorado, embora a pouca quantidade de informação obtida sobre este metal, nos faça suspeitar que ele não será muito abundante por estas paragens.

2. Elementos pré-históricos pré-existent

Há duas décadas atrás, havia uma convicção geral entre os investigadores de que a zonas montanhosas não eram férteis em achados arqueológicos pré-históricos. Existem grupos de antas em zonas elevadas, mas que formam amplos planaltos, como é o caso da Serra da Aboboreira (Marco de Canavezes) ou como o Planalto do Alvão (Vila Pouca de Aguiar), para só citar dois exemplos de que os autores têm um conhecimento mais aprofundado, em terrenos

graníticos, muito férteis que, para além dos sepulcros, forneciam a possibilidade de praticar a agricultura e o pastoreio.

É certo que aí os povoados calcolíticos foram implantados em cabeços predominantes, com destaque sobre a paisagem, mas não a grandes altitudes e em locais inóspitos. Pouco a pouco, e graças à implementação dos parques eólicos, foram surgindo alguns materiais de cronologia neo-calcolítica ao longo da cumeada dessas serras e rochas gravadas com arte rupestre. Até à realização destes estudos sistemáticos, no âmbito dos EIA's, a arte rupestre conhecida assentava em locais mais baixos, junto dos grandes rios, como o Tejo, o Guadiana e o Côa.

Nesta área, à data dos nossos primeiros trabalhos, recolhemos a informação disponível na bibliografia e que dava conta da existência de um ídolo pré-histórico, aparecido numa zona baixa, junto ao rio Ceira e à aldeia de Relvas de Teixeira (Arganil), situada na margem direita do rio e em frente de Fajão (aldeia situada na margem esquerda), onde viríamos a localizar um povoado pré-histórico que, na altura, datámos da Idade do Bronze, com base apenas na meia dúzia de fragmentos amorfos de cerâmica manual bastante rude (BATATA & GASPARG, 1994, p. 21) e nos achados das Relvas (um ídolo antropomórfico pré-histórico, em quartzito, com 18 cm de diâmetro e 23 de altura e um machado de bronze) (NUNES, 1956, p. 503-507). Num cabeço proeminente, sugestivamente chamado Cabeço Murado (Trinhão), foi encontrado um peso de rede, associado a possíveis restos de um muro defensivo (DIAS, 1985). Pela nossa parte, na prospecção de campo efectuada, encontrámos um povoado com abundante cerâmica, parte dela do Bronze Final e um fragmento de machado de anfibolito (BATATA & GASPARG, 1994, p. 36-40); o Cabeço Redondo foi então classificado como povoado da Idade do Bronze, sendo de admitir hoje, uma ocupação mais antiga. Na Serra do Machialinho, foram achadas por populares e adquiridas para a autarquia, um conjunto de argolas espiraladas em ouro, pesando 37,2 gr. (BATATA & GASPARG, 1994, p. 48-52), cujo contexto não foi possível apurar. Ainda na mesma serra (Cova da Iria), achámos um fragmento de lâmina de sílex retocada, numa área bastante remexida, tendo nós, na altura, dúvidas sobre o seu contexto arqueológico (p. 52).

No espaço circundante ao concelho também existem alguns vestígios pré-históricos. Para além do ídolo e machado de Relvas, nas minas do Liboreiro – Eira dos Mouros (Góis) foram achados diversos machados de anfibolito, uma ponta de seta em metal e, perto, dois machados (um de cobre o outro de bronze), filiável, o último, no Bronze Final (NUNES, 1952, p. 5-9).

No que respeita à arte rupestre, ela abunda a oeste do concelho da Pampilhosa da Serra, como é o caso da Pedra Letreira (Cabeçadas) e Mestras I, II e III (Pedra Riscada) (NUNES *et alli*, 1974, p. 6-25) e a sul (Serra do Cabeço Rainho, Oleiros e Sertã) (BATATA, 1998, p. 18-21).

A oriente do concelho, era dado à estampa, em 2002, um apanhado de estações arqueológicas e materiais que, se não nos ajudaram a definir a pré-história do concelho em 1994, são importantes para contextualizar o conjunto de mamoadas e arte rupestre identificados em 2009. Assim, temos um povoado do Bronze Final, com ocupação posterior, situado no Cabeço da Argemela (Lavacolhos, Fundão) e duas mamoadas do mesmo tipo das da Pampilhosa da Serra, na Quinta da Caneca, em plena Cova da Beira, e um depósito de bronze no Paúl (Covilhã) (VILAÇA *et alli*, 2000, p. 200-2001, 214 e 217).

3. Contextualização regional

Começam já a ser bastantes os conjuntos de mamoaas, montículos, ou *tumuli* (consoante a designação que lhes é atribuída pelos investigadores que se dedicaram ao estudo deste tipo de monumentos funerários) que se encontram espalhados ou agrupados em necrópoles, em vários pontos do país, com especial destaque para a sua metade norte.

Um dos mais antigos, ou por outras palavras, um dos que foi escavado há mais tempo, trata-se da Mamoa 2 de Chã de Carvalhal (Serra da Aboboreira, Baião) (CRUZ, 1990, p. 151-155), situada nas proximidades de uma anta.

Dos conjuntos de mamoaas com as mesmas características, merece referência o conjunto de 40 monumentos do Maciço da Gralheira, situado entre a Serra de Montemuro e a Serra do Caramulo (SILVA, 1997, p. 605-620).

Mais próximo, no tempo e no espaço, outros investigadores (CRUZ *et alli*, 2000, p. 125-150) têm identificado e escavado algumas mamoaas do tipo das da Pampilhosa da Serra. Na zona de Vila Nova de Paiva contam-se algumas dezenas de monumentos.

Na Quinta da Caneca (Fundão), em plena Cova da Beira, foram identificadas duas mamoaas semelhantes às da Pampilhosa da Serra (VILAÇA *et alli*, 2000, p. 200-2001, 214 e 217).

No concelho de Vila Pouca de Aguiar, também os autores (BATATA *et alli*, 2008, p. 98-99) identificaram duas estruturas tumulares que apresentam semelhanças com estes monumentos.

Durante a prospecção arqueológica efectuada em 2008, no concelho de Amarante, também, um dos signatários identificou duas mamoaas deste tipo (BATATA, 2008, p. 60).

Em concelhos mais próximos de Pampilhosa da Serra também se têm identificado monumentos deste tipo. No concelho do Sabugal foram identificados por estes investigadores (CANINAS *et alli*, 2009, p. 21-38) uma dúzia de mamoaas pequenas e grandes, algumas dezenas em Oleiros e algumas na serra da Lousã (CANINAS *et alli*, 2004, p. 3-23; CANINAS *et alli*, 2008, p. 89-184), com escavação arqueológica de algumas delas (Vale de Mós I, Feiteira e Selada do Cavallo). Em Vila Velha do Ródão, no âmbito da revisão do PDM foram identificados 13 *tumuli*, todos concentrados no mesmo local (HENRIQUES *et alli*, 2008, p. 79-88).

Estes são apenas alguns exemplos de mamoaas, montículos ou *tumuli* existentes um pouco por toda a parte, na zona centro e norte de Portugal. Muitos outros existirão já publicados como estruturas diferentes e, alguns, identificados em tempos mais recuados, necessitarão certamente de uma reinterpretação, face aos conhecimentos científicos adquiridos nos últimos anos.

4. Caracterização sumária das mamoaas

O facto de as serras terem ardido (Fig. 2), ajudou em boa parte a visualizar uma quantidade significativa de túmulos que, de outra forma, seriam muito mais difíceis de localizar. De uma forma genérica, aparecem mamoaas em todo o concelho, com excepção, da zona sul, junto ao rio Zêzere, que é uma zona muito escarpada (entre Lobatinhos, Signo Samo e a Portela do Fojo).

Na realidade são raros os monumentos, tendo sido encontrado apenas um e mal conservado. A ponta sudoeste não revelou mamoaas, embora alguns pequenos montículos nos tivessem deixado em dúvida. Devido ao facto de serem muito incaracterísticos não foram considerados como vestígios e, por isso, não foram incluídos na Carta Arqueológica. É de referir que foram encontrados outros pequenos montículos, com cerca de 1 m de diâmetro, no topo de cabeços pronunciados e isolados, sem quaisquer sinais de agricultura ou amanho de campos. Estes, por serem muito pequenos e difíceis de caracterizar também não foram considerados. Por outro lado, os montículos com 2 m de diâmetro já foram considerados e entraram na catalogação como monumentos, dado que muitos se encontram associados a mamoaas de maior porte. Observando o gráfico (Fig. 3), verifica-se que as pequenas mamoaas, associadas ou não a outras de maior porte, representam uma percentagem significativa, no total de mamoaas identificadas no terreno.



Figura 2. Paisagem ardida da Serra das Fontes.

Estas mamoaas são muito visíveis no terreno, por apresentarem uma característica carapaça pétreia formada, na maior parte dos casos por blocos médios e pequenos de quartzo leitoso, muito abundante nesta zona, devido às serras quartzíticas, impregnadas de veios de quartzo leitoso. Existem, porém, mamoaas compostas exclusivamente por fragmentos de xisto, mas constituem uma minoria. Regista-se também o caso de uma pequena mamoa, com 3 m de diâmetro feita apenas com terra. O que se verifica é que os seus construtores utilizaram a matéria-prima que existia no local. Nas áreas onde abundam veios de quartzo leitoso, as mamoaas são quase exclusivamente compostas por este material. Nos locais onde não existem filões de quartzo, é utilizada a matéria-prima local. Assim, registaram-se mamoaas só com carapaça pétreia em xisto, mamoaas com carapaça feita com seixos quartzitos (as que se situam mais próximas de rios ou ribeiras), uma com seixos rolados num terraço fluvial e algumas mamoaas feitas com fragmentos de quartzito não rolado. Este último conjunto, situado na Serra do Machialinho e no local onde encontrámos um fragmento de lâmina de sílex retocada (Cova da Iria) e seixos provenientes do rio Zêzere, encontra-se muito alterado por plantações de pinheiros.

A sua identificação foi difícil, tendo nós registado quatro mamoadas, mas existe a possibilidade de serem mais.

A maior parte destas mamoadas, apresenta um diâmetro (Fig. 3) entre os 5 e os 9 m, o que é comum a mamoadas de outras áreas do país, com algumas de maior diâmetro e uma excepcionalmente grande, toda em quartzo leitoso, de formato oblongo, com 25 m de comprimento por 12 de largura, situada perto do povoado dos Penedos de Fajão. Constitui, aliás, o único exemplo de uma mamoadas situada perto de um povoado, sem que possamos, sem escavações arqueológicas, estabelecer qualquer ligação crono-tipológica entre ambos.

O grupo de diâmetros indeterminados diz respeito a mamoadas que foram de tal forma destruídas, com os seus elementos constituintes tão dispersos, que não é possível ter uma ideia do diâmetro da mamoadas. Só podem ser classificadas dentro de uma categoria qualitativa (grande ou pequena) dado não serem mensuráveis no terreno.

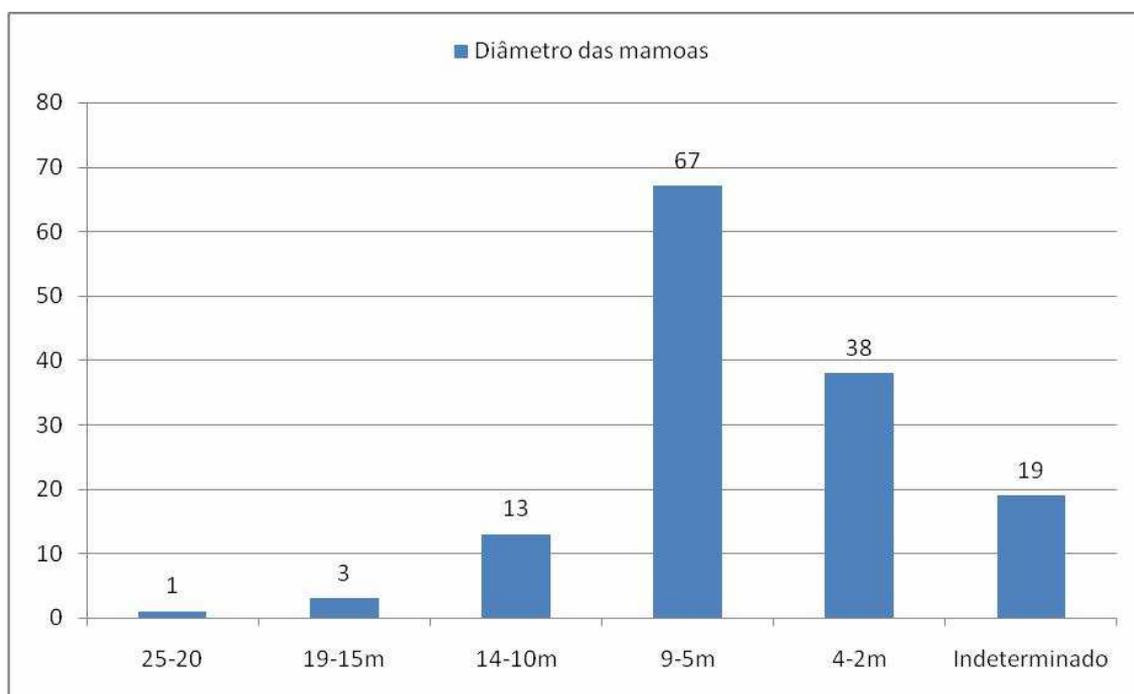


Figura 3. Contabilização do número de mamoadas em função do diâmetro.

Quanto ao estado de conservação dos monumentos (Fig. 4), verifica-se que as 141 mamoadas se encontram repartidas em quantidades muito semelhantes entre os monumentos em bom estado e os monumentos em mau estado de conservação. Os que se encontram em bom estado de conservação dizem respeito a monumentos integralmente conservados. Os que se encontram em estado razoável são monumentos que sofreram pequenas destruições, mas ligeiras, como calcamento por máquinas florestais, arrastamento ligeiro da sua carapaça, ripagens de terrenos ou pequenas destruições provocadas por aceiros e caminhos florestais. Os monumentos em mau estado, encontram-se severamente afectados pelo conjunto de factores já referidos e os

monumentos destruídos, são monumentos que embora se reconheça que foram mamoaas, encontram-se completamente destruídos, com os elementos completamente dispersos.

Tal como para os pequenos montículos com 1 m de diâmetro que não foram contabilizados, também algumas prováveis mamoaas não foram contabilizadas, pois a destruição foi de tal maneira intensa que o quartzo leitoso que as permite identificar com segurança se encontrava em aterros na beira de aceiros. Não se tendo encontrado materiais líticos estranhos à composição dos solos rochosos, como os seixos polidos pela água, nada nos permite afirmar que eram mamoaas, apesar do local de implantação, obedecer às características físicas onde se implantam as outras.

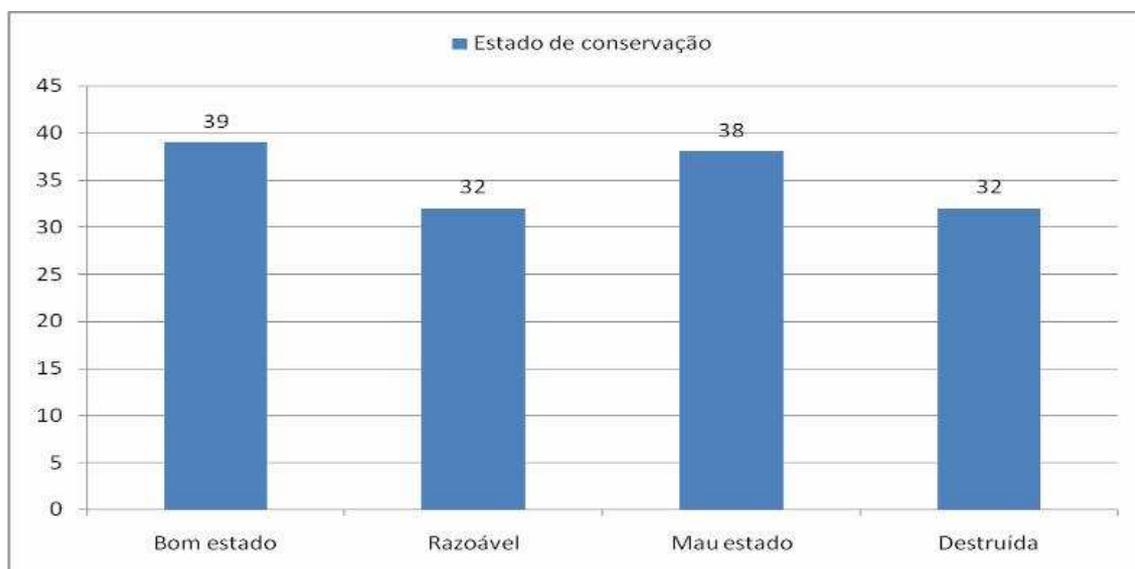


Figura 4. Contabilização do número de mamoaas em função do estado de conservação.

Quanto ao posicionamento altimétrico no terreno (Fig. 5), cerca de 40% das mamoaas situam-se nas cotas entre os 650 e os 800 m, que correspondem, grosso modo, às cumeadas das serras. Existe ainda uma boa percentagem a cotas inferiores (35%), situando-se a meia-encosta das serras ou em pequenos cabeços de baixa altitude. As restantes situam-se acima dos 800 m, não parecendo ser o factor altitude determinante na sua implantação, mas sim o facto de existirem poucas montanhas com estas altitudes no concelho.

A implantação altimétrica (Fig. 6) leva-nos também a outro factor analisado que diz respeito à sua implantação particular. Verifica-se que os construtores de mamoaas optaram, em cerca de 50% dos casos por uma implantação quer em pequenos quer em grandes cabeços, sempre no ponto mais alto. Por esse facto muitas mamoaas encontram-se sob marcos geodésicos, umas em bom estado de conservação, outras mais destruídas.

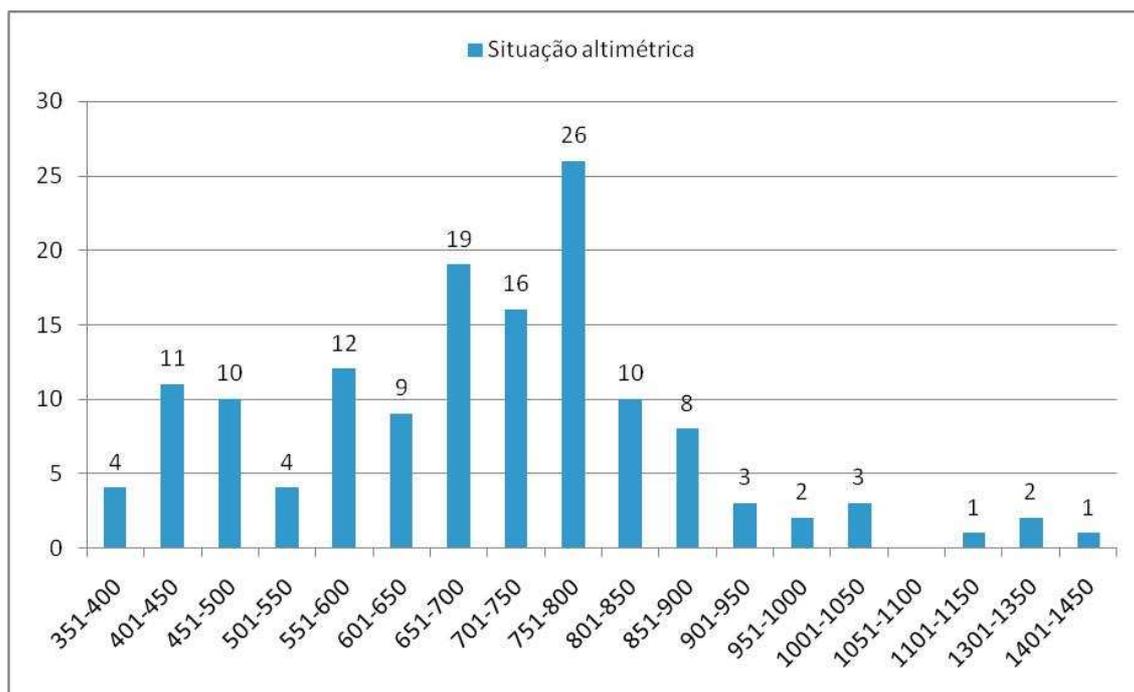


Figura 5. Contabilização do número de mamoadas em função da altitude.

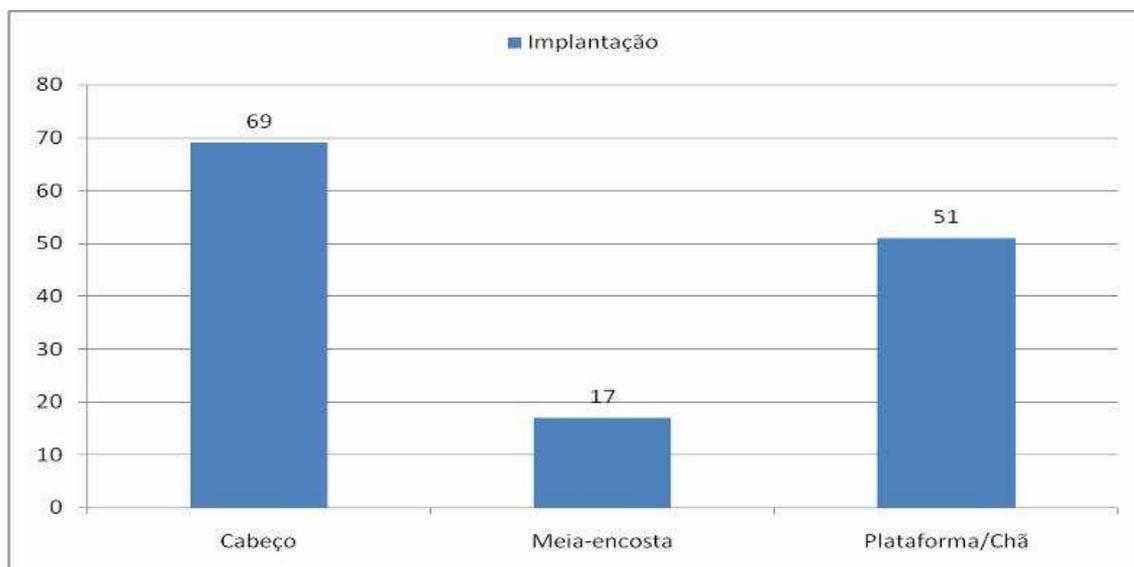


Figura 6. Contabilização do número de mamoadas em função da implantação topográfica.

Como em outros lugares, também aqui, uma boa percentagem de mamoadas (cerca de 35%) foram implantadas em chãs, plataformas ou portelas, significando este facto que a visibilidade que se pretendia dar às mamoadas, fazia-se preferencialmente no topo de cabeços, mas também em locais de passagem ou de trânsito. Menos preferência havia pela implantação em encostas (cerca de 15 ocorrências): apesar de serem escolhidos os locais menos inclinados da encosta (ressalto no terreno ou zona aplanada por afloramentos), a inclinação do terreno facilitava a degradação dos monumentos funerários, por acção dos elementos físicos como a água.

Por força dos elementos naturais e também por razões antrópicas, a altura actual das mamoas não é igual à que seria quando foram construídas. Couraças pétreas e terra do *tumulus* cedem aos elementos naturais como a água, o gelo e o vento, provocando o seu abaixamento. Por outro lado, a violação da câmara funerária, com o objectivo de procurar tesouros ou peças também contribuíram para o seu abaixamento ou arrasamento, em muitos casos. Os romanos poderão ter contribuído em grande parte para este saque, mas é provável que também em épocas mais recentes isso tenha acontecido. Finalmente, a busca de pedra, que não era necessário arrancar dos penedos, em especial nas mamoas que ficam mais próximas dos aglomerados urbanos, foi um factor determinante para o nivelamento, muitas vezes ao nível do anel lítico.

Explicitando o gráfico abaixo, refira-se que em cerca de 25% de mamoas não possuímos dados sobre a sua altura (Fig. 7). A maior parte desta mamoas estão, ou completamente destruídas ou com os seus elementos constituintes bastante espalhados. A estes junta-se 5% de mamoas com uma expressão mínima na paisagem, muito degradadas, com apenas uma camada de pequenas pedras.

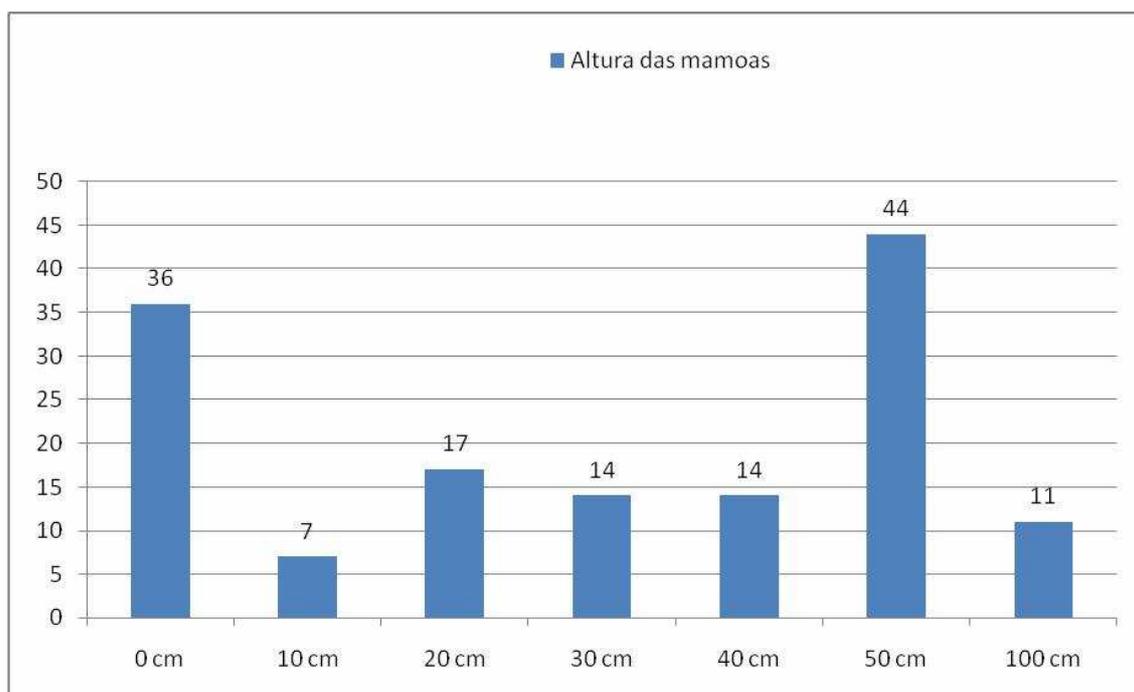


Figura 7. Contabilização do número de mamoas em função da altura.

Cerca de 10% apresentam ainda uma altura de cerca de 1m e referem-se às mamoas que foram pouco afectadas pelos factores antrópicos anteriormente descritos. Outro conjunto de mamoas apresenta ainda cerca de 50 cm de altura (30%). Apesar de apresentarem frequentemente sinais de violação, encontram-se bem conservadas.

Entre estes extremos, registámos alturas variando entre os 20 e os 40 cm de altura em cerca de 30% das mamoas.

5. Trabalhos arqueológicos já realizados

Desde a publicação da Carta Arqueológica, os autores intervieram em dois monumentos funerários bastante degradados, mas que corriam riscos de desaparecerem completamente. Estas intervenções, para além do carácter preventivo da escavação, forneceram alguns dados científicos no que se refere à tipologia dos monumentos e respectiva cronologia.

5.1. Mamoa do Cabeço da Linteira

A Mamoa do Cabeço da Linteira encontra-se situada no meio de um caminho florestal, dela só restando o anel lítico, dado que a passagem da niveladora destruiu a couraça pétrea de xisto e quartzo leitoso, que se encontram espalhados ao longo do caminho (Fig. 8).



Figura 8. Mamoa do Cabeço da Linteira, após escavação.

O que restou do monumento foi o anel lítico de constituição do monumento funerário, formando uma circunferência quase perfeita, com 6,80 m no sentido este-oeste e 6,60 m no sentido sul-norte, 50 cm de largura, e espessura de 10 cm a sudoeste e 20 cm a nordeste, não havendo sinais da câmara funerária. Do lado norte, numa pequena extensão, verificou-se a existência de terra castanha, sobre o anel lítico, que constituiria a cobertura do monumento e algumas lajes de xisto, pertencentes à carapaça pétrea.

O monumento encontra-se implantado numa chã, com uma ligeira inclinação para nordeste, à cota de 770 m, numa serra com domínio visual da paisagem, situada entre os rios Zêzere, a sul, e rio Unhais, a norte, não longe da passagem de uma via pré-romana, mas trilhada também por

romanos e medievos. Esta via passa a cerca de 500 m a sul desta mamoa, na base da Mamoa de Vale Serrão, com uma couraça pétrea que apresenta bastantes semelhanças com a desta mamoa.

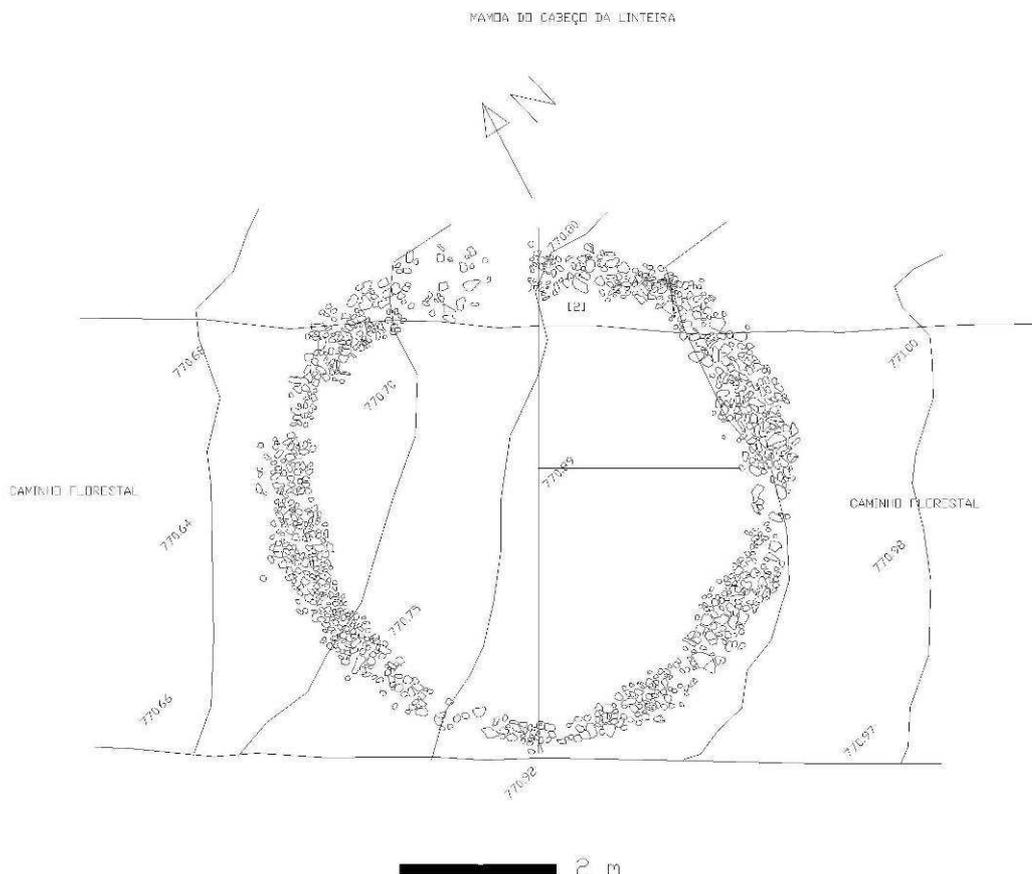


Figura 9. Planta do que restou da Mamoa do Cabeço da Linteira.

Devido ao estado de elevada destruição do monumento, não nos é possível determinar se as cerâmicas e líticos encontrados dentro do anel lítico e no pouco que restava da U.E [2] (terra que constituía a cobertura) (Fig. 10), eram materiais pré-existentes ao monumento ou se vinham embalados nas terras transportadas para formar o *tumulus*. Se foram transportadas e nada têm a ver com as eventuais cerâmicas e materiais líticos que acompanhariam o enterramento, então talvez tenham origem num local de *habitat* que a existir não poderá estar muito longe.

A resposta talvez possa ser encontrada na Mamoa do Vale Serrão, que se encontra em óptimo estado de conservação e parece apresentar características muito semelhantes a esta mamoa. A análise da cerâmica e do material lítico, apesar de pobre em fósseis directores, apontam para a construção do monumento talvez durante o Calcolítico Final.

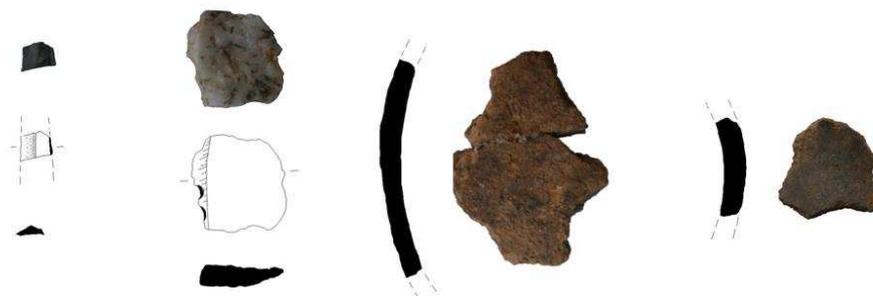


Figura 10. Materiais líticos e cerâmicos encontrados na Mamoa do Cabeço da Linteira. Esc: 1/2.

A semelhança da estrutura, dimensão, bem como a sua inserção cronológica, é muito semelhante à da Mamoa 2 de Chã de Carvalho (Serra da Aboboreira, Baião) (CRUZ, 1990, p. 151-155) (Fig. 11), situada perto de uma anta e, na opinião do arqueólogo que a escavou, não muito longe cronologicamente do ambiente megalítico do conjunto da Serra da Aboboreira, expressa na seguinte afirmação: “A coexistência de sepulcros de dimensões e diferentes tipos, não é, também, completamente inédita.”

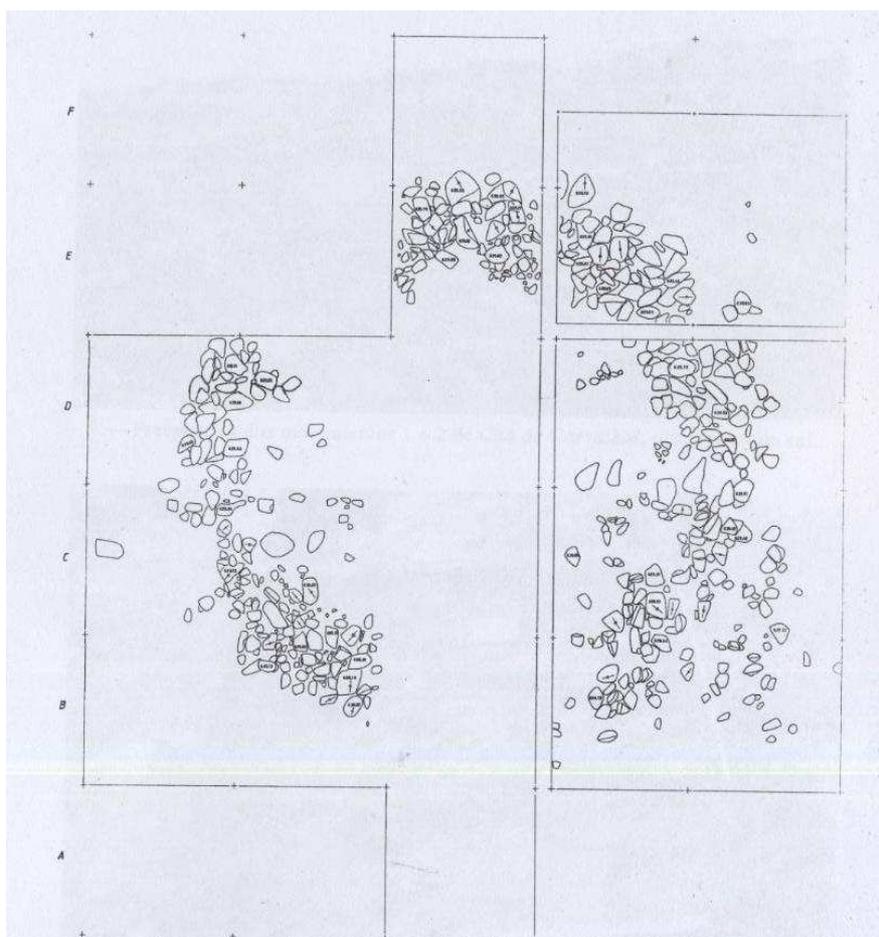


Figura 11. Planta da Mamoa 2 de Chã do Carvalho, Serra da Aboboreira.

5.2. Mamoa V de Vilares

A Mamoa V de Vilares encontra-se num cabeço muito pouco pronunciado, entre duas linhas de água de pouca importância. Faz parte de um conjunto de seis mamoas, agrupadas duas a duas, sendo uma de maior diâmetro e uma mais pequena, formando uma necrópole em linha e situando-se dois conjuntos em pequenos cabeços e um numa chã que se situa entre os outros conjuntos.

Na Carta Arqueológica escrevemos que a mamoa se encontrava muito destruída, faltando-lhe parte da estrutura, destruída pela abertura da estrada alcatroada, sendo visíveis os blocos da câmara funerária que teria 2 m de diâmetro e pouco restando da couraça pétrea, calculada numa área de 4 m de diâmetro. A totalidade do monumento rondaria os 6 m de diâmetro.

A sua escavação integral revelou dados substancialmente diferentes dos que foram efectuados por simples observação do terreno (Fig. 12).



Figura 12. Aspecto da Mamoa V de Vilares, após a escavação.

A escavação desta estrutura tumular revelou a existência de uma pequena mamoa com 2 m de diâmetro, com anel lítico irregular (Fig. 12 e 13), tendendo para o redondo e constituído por grandes blocos de quartzo leitoso. Parte do anel lítico, do lado norte, encontrava-se em falta, tendo a pedra sido removida pelo proprietário para construção de uma casa há cerca de 25 anos.

Apresentava um covacho irregular, descentrado, e todo o espaço interno estava coberto com uma camada de placas de xisto, alvo de violação em data incerta. Conteria um pote ou taça, de que encontramos alguns fragmentos amorfos. Sobre esta camada de xisto foi colocada uma couraça constituída unicamente por blocos de quartzo leitoso de média e pequena dimensão.

Embora não tenhamos cronologia para o monumento funerário, os carvões recolhidos no interior do covacho poderão datá-la, de modo a que a mesma seja inserida no respectivo período histórico. À primeira vista parece tratar-se de um monumento tardio, talvez da Idade do Bronze.

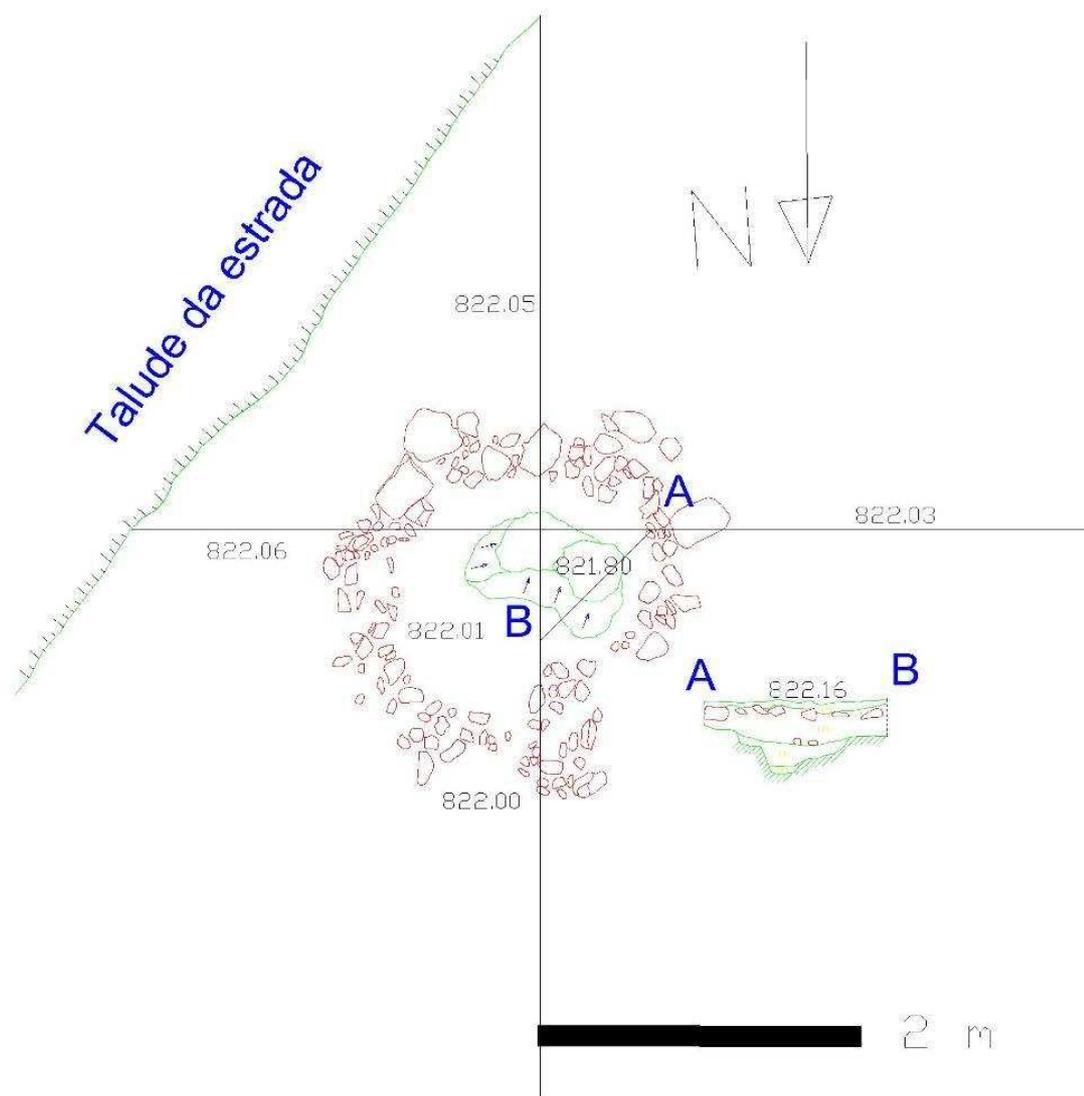


Figura 12. Aspecto da Mamoa V de Vilares, após a escavação.

5.3. Mamoa VI de Vilares

Situada a cerca de 10 m a sul da anterior mamoa, também esta foi alvo de saque de pedra, tendo sido exposto parte do anel lítico, constituído por grandes blocos de quartzo leitoso (Fig. 14) bem alinhados, com cerca de 5 m de diâmetro.

O trabalho arqueológico realizado consistiu apenas na limpeza da camada humosa que cobria grande parte da couraça pétrea e remoção da vegetação arbustiva. Talvez devido a uma ligeira inclinação do terreno de norte para sul, nota-se que o derrube pétreo é mais extenso a sul do que a norte. No interior, vêem-se fragmentos de xisto iguais aos da Mamoa V, em posição central, na zona onde se situará a câmara funerária.



Figura 14. Aspecto do anel lítico da Mamoa VI de Vilares.

6. Palavras finais

As intervenções realizadas, tiveram carácter de emergência, por os monumentos se encontrarem, por um lado muito destruídos e, por outro, correrem sérios riscos de desaparecerem completamente.

Em termos de curto prazo, para além da escavação da Mamoa VI de Vilares, a prioridade é para a escavação de monumentos que se encontram bastante destruídos e em locais que propiciam uma rápida deterioração dos restos que ainda subsistem, como é o caso de mamoaas que se situam sob estradões florestais e aceiros e que têm tendência a desaparecer por acção de maquinaria pesada. A médio e longo prazo, pretende-se realizar estudos vários quer em mamoaas bem preservadas quer na relação que apresentam com a arte rupestre identificada.

No campo da arte rupestre, muito há a fazer: trabalhos de escavação integral dos painéis, que em muitos casos se encontram parcialmente cobertos com terra, limpeza de líquenes e desenho dos motivos.

No campo da prospecção de campo, ainda existem áreas onde se encontram mamoadas e painéis de arte rupestre que passaram despercebidos ao nosso olhar atento. Deste Abril de 2009, data de apresentação pública da Carta Arqueológica do Concelho de Pampilhosa da Serra, até à presente data já se identificaram mais seis mamoadas e um painel com arte rupestre. O concelho é vasto e montanhoso e os passos que demos para encontrar estes vestígios não foram suficientemente minuciosos e curtos para identificar a totalidade de vestígios existentes.

As cerca de 150 mamoadas já detectadas encontram-se espalhadas numa área com cerca de 350 km² e constituem o maior grupo de *tumuli* do país, muitos deles em estreita associação com cerca de 150 painéis com arte rupestre, dentro do concelho, já que as gravuras se estendem para o vizinho concelho de Covilhã, sem solução de continuidade. Encontram-se em terreno muito acidentado que se pensava deserto ou pouco apetecível para populações pé-históricas, demonstrando uma enorme vitalidade por parte de comunidades mais pastoris que agrícolas que fizeram desta área, o seu *habitat* permanente e onde enterraram os seus mortos. O estudo da geomorfologia e da arqueologia da paisagem, poderão contribuir, de forma notável, para a compreensão do porquê da ocupação territorial de uma zona bastante inóspita, onde o frio e o vento se fazem sentir com frequência e onde a neve é constante, nos meses mais frios.

Bibliografia

AZEVEDO, Pedro de (1901). **Extractos archeologicos das “Memorias parochiais de 1758”**, *Archeologo Português*, IV, Lisboa, 1898.

BATATA, Carlos (1998). **Carta Arqueológica do Concelho da Sertã**. Câmara Municipal de Sertã.

BATATA, Carlos e GASPAR, Filomena (1994). **Levantamento arqueológico do Concelho de Pampilhosa da Serra**. Câmara Municipal de Pampilhosa da Serra.

BATATA, Carlos (2008). **Prospecção Arqueológica no âmbito da Revisão do PDM de Amarante**, Relatório Final.

BATATA, Carlos e GASPAR, Filomena (2000). **Arte Rupestre da bacia hidrográfica do rio Zêzere**, in *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. IV. Porto, ADECAP.

BATATA, Carlos e GASPAR, Filomena (no prelo). **Pampilhosa da Serra, Património Arqueológico Revisitado - 15 anos depois**. Câmara Municipal de Pampilhosa da Serra, / *Jornadas de História Local*, 10 e 11 de Abril de 2008.

BATATA, Carlos e GASPAR, Filomena (2009). **Carta Arqueológica do Concelho de Pampilhosa da Serra**. Câmara Municipal de Pampilhosa da Serra.

BATATA, Carlos, BORGES, Nélson, CORREIA, Heitor e SOUSA, Albertino de (2008). **Carta Arqueológica do Concelho de Vila Pouca de Aguiar**. Câmara Municipal de Vila Pouca de Aguiar.

CANINAS, João, HENRIQUES, Francisco, BATATA, Carlos e BATISTA, Álvaro (2004). **Novos dados sobre a Pré-História Recente da Beira Interior Sul. Megalitismo e Arte Rupestre no Concelho de Oleiros**. Separata da revista *Estudos de Castelo Branco*, Nova Série, nº 3.

CANINAS, João, SABROSA, Armando, HENRIQUES, Francisco, MONTEIRO, José Luís, CARVALHO, Emanuel, BATISTA, Álvaro, CHAMBINO, Mário, HENRIQUES, Fernando Robles, MONTEIRO, Mário, CANHA, Alexandre, CARVALHO, Luís, e GERMANO, Adriano (2008). **Tombs and rock carvings in the Serra Vermelha and Serra de Alvélos (Oleiros - Castelo Branco)**, in *Graphical Markers and Megalith Builders in the International Tagus, Iberian Peninsula*. BAR International Series, nº 1765.

CANINAS, João Carlos, HENRIQUES, Francisco, BATISTA, Álvaro, CHAMBINO, Mário, HENRIQUES, Fernando Robles, MONTEIRO, Mário, CANHA, Alexandre, CARVALHO, Luís (2009). **Estruturas monticulares antigas na fronteira sul do concelho do Sabugal**. *SABUCALE*, nº 1, Revista do Museu do Sabugal.

CRUZ, Domingos J. da (1990). **A Mamoia 2 de Chã de Carvalhal (Serra da Aboboreira, Baião)**. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 31. Porto, SPAE.

CRUZ, Domingos J. da *et alli* (2000). **O grupo de Tumuli do Pousadão (Vila Nova de Paiva, Viseu)**, *Estudos Pré-Históricos*, Vol, VIII. Centro de Estudos da Beira Alta, Viseu.

DIAS, Paula Teresa das Neves (1985). **Subsídios para o levantamento arqueológico do concelho da Pampilhosa da Serra**, trabalho apresentado à cadeira de Técnicas de Investigação Arqueológica da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1985, dactilografado.

HENRIQUES, Francisco, CANINAS, João, CHAMBINO, Mário (2008). **Carta Arqueológica de Vila Velha do Ródão – uma leitura actualizada dos dados da Pré-história Recente**, in *Graphical Markers and Megalith Builders in the International Tagus, Iberian Peninsula*. BAR International Series, nº 1765.

LEAL, Augusto S. d'A.B. de Pinho (1875). **Portugal Antigo e Moderno**, VI, Lisboa.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA (1946). **Minas concedidas no continente desde Agosto de 1836 a Dezembro de 1962**, 2ª ed., Secretaria de Estado da Indústria, Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, Lisboa.

NUNES, João de Castro (1952). **Um machado de talão, de tipo galaico, na Beira-Litoral Interior**, Publ. do Museu da Câmara Municipal de Arganil.

NUNES, João de Castro (1956). **O Ídolo pré-histórico das Relvas**, *Revista de Guimarães*, LXVI, n.ºs 1/2, Guimarães.

NUNES, João de Castro e PEREIRA, A. Nunes (1974). **A Pedra Riscada**, sep. da *Revista dos Cursos de Letras*, I, Sá da Bandeira.

RIBEIRO, Orlando (1986). **A vida rural**, *Geografia de Portugal, Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, vol. IV. Sá da Costa, Lisboa.

SILVA, Fernando A. Pereira da (1997). **Contextos funerários da Idade do Bronze nos planaltos centrais do Centro-Norte Litoral português: tradição ou inovação?** *Actas do II Congresso de Arqueología Peninsular*, Tomo II - Neolítico, Calcolítico y Bronce. Fundación Afonso Henriques, Zamora.

SIMÕES, Luísa Manuel Pascoa Carvalho (s/d). **Monografia da Pampilhosa da Serra**, dactilografado.

THADEU, Décio (1951). **Geologia e jazidas de chumbo e zinco da Beira Baixa**, *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*, IX, fasc. I-II, Porto.

VILAÇA, R., SANTOS, A. T., PORFÍRIO, E., MARQUES, J. N., CORREIA, M. e CANAS, N. (2000). **O povoamento do I Milénio a.C. na área do concelho do Fundão: pistas de aproximação ao seu conhecimento**, *Estudos Pré-Históricos*, vol. VIII, Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, Viseu.